

DAVID MCKEEVER E MIKE RAPPORT

**E**m 17 de Dezembro de 2010 um mercador tunisiano chamado Mohamed Bouazizi ateou fogo em si mesmo, em protesto ao fechamento de seu estande pela polícia. Sua autoimolação desencadeou uma enorme quantidade de raiva reprimida pelo regime autoritário do governo, da polícia, e da elite política do país. Após um mês de protestos, o presidente Zine El Abidine Ben Ali, que havia governado o país por vinte e quatro anos, deixou o país em 14 de janeiro de 2011. As manifestações na Tunísia se espalharam por outros países árabes. Os egípcios se uniram contra Hosni Mubarak, e o epicentro de seus protestos na Praça Tahrir começou em 25 de janeiro e terminou com a renúncia do presidente em 11 de fevereiro, após trinta anos no poder e centenas de mortes. A primeira grande manifestação no Iêmen aconteceu em Sana'a em 27 de janeiro. Em uma semana o presidente Ali Abdullah Saleh, que havia governado por trinta e três anos, anunciou que se retiraria em 2013, mas isso não acalmou a oposição. A violência se intensificou e Saleh fugiu do país para a Arábia Saudita em 4 de junho (para tratamento médico depois de ser ferido num atentado a bomba), mas só renunciou ao poder formalmente em fevereiro de 2012. Na Líbia, os protestos começaram no leste do país em 15 de fevereiro e a resposta brutal do coronel Gaddafi deu início a uma guerra civil, uma intervenção aérea pela OTAN, a queda de Trípoli por rebeldes em 21 de agosto e a execução sumária de Gaddafi em Sirte em 20 de outubro. A dinastia Al-Khalifa em Bahrein estremeceu quando manifestantes foram às ruas em 14 de fevereiro, mas resistiu

com a ajuda de tropas enviadas pelos sauditas e outros países do golfo. A guerra civil que ainda há – e cresce – na Síria começou em 18 de março de 2011, quando forças do governo atiraram e mataram manifestantes em Daraa, desencadeando uma rebelião contra o regime Baathista de Bashir al-Assad. Estes foram apenas alguns dos acontecimentos mais marcantes que ocorreram no Oriente Médio durante a ‘Primavera Árabe’, ou ‘Despertar Árabe’. Houve protestos em outros países árabes, como Marrocos, Argélia e Jordânia, Omã e Líbano, mas também em países não-árabes, como Sudão, Irã e Mauritània. Os observadores se chocam não apenas pelos fatores comuns e interligações por trás dos protestos, mas também pela absoluta rapidez com que se espalharam por fronteiras políticas, assim como a capacidade da oposição em todos os países de se envolver para mobilizar e manter amplas coalizões contra os regimes existentes. Paralelos foram traçados entre as revoluções de 1989 na Europa Central e Oriental e, menos obviamente (porque não está na memória viva), as revoluções europeias de 1848.

Em 1848, o desafio revolucionário surgiu contra os sistemas monárquicas e autoritários que, como nos países árabes, haviam dominado a Europa por muitos anos, desde a queda de Napoleão Bonaparte em 1815. As Revoluções de 1848 romperam dramaticamente a barreira conservadora que mantinha liberais e nacionalistas mais ou menos sob controle por mais de uma geração. Porém, os revolucionários de 1848, em contraste com os de 2011, só foram bem-sucedidos por pouco tempo, já que os velhos regimes conseguiram retaliar com surpreendente rapidez e êxito.

Mas o que espantou os contemporâneos de 1848, assim como em 2011, foi a velocidade com que as revoluções se espalharam de um lugar a outro e a rapidez com que o velho regime se dobrou e se rendeu à pressão. Os primeiros focos ocorreram na Itália, com uma insurreição que começou em 12 de janeiro em Palermo, alastrando-se para Nápoles em 27 de janeiro e depois rumo ao norte, chegando a Turim em 8 de fevereiro e Florença três dias depois. Contudo, o grande epicentro foi Paris, por conta de sua já tradicional associação com a revolução. A capital francesa explodiu em violência entre 22 e 24 de fevereiro, derrubando a monarquia e estabelecendo a Segunda República Francesa. Quando a notícia cruzou o Reno, houve manifestações em Baden a partir de 27 de fevereiro que se espalharam pela Alemanha: a Assembleia Heidelberg se reuniu em 5 de março para criar as bases do parlamento alemão que se reuniria em Frankfurt. As revoluções chegaram até ao Império Habsburgo e sua capital Viena, onde um dos grandes criadores da ordem pós-napoleônica, Klemens von Metternich, havia exercido domínio

como Ministro de Relações Exteriores e depois como Chanceler desde 1809. Os protestos ressoaram em Praga em 11 de março, mas a onda revolucionária ganhou novo fôlego mesmo com a rebelião em Viena, trazendo o que havia sido impensável para a maioria das pessoas por quase quarenta anos: a queda de Metternich no dia 13 de março. As ondas de choque dos eventos em Viena desencadearam outras revoluções dentro do Império Habsburgo – em Budapeste em 15 de março, na Milão governada pela Áustria três dias depois e Veneza em 22 de março. Os acontecimentos em Viena também repercutiram de volta na Alemanha: Berlim, a capital prussiana, foi destruída por uma das mais sangrentas destas insurreições, a ‘Primavera dos Povos’, em 15 de março. Nestes lugares, os liberais tomaram o poder, ou derrubando a velha ordem por completo (como em Palermo, Paris, Milão e Veneza), ou forçando os governantes vigentes a designar governos liberais com a promessa de ampla reforma. Constituições teriam que ser instituídas onde não existiam, ou emendadas onde já vigorassem. Liberdades civis seriam garantidas. Em países sob domínio estrangeiro (norte da Itália, Polônia e Romênia), ou onde grupos étnicos se dividiam em políticas diferentes (Alemanha e novamente Itália, Polônia e Romênia), os liberais almejavam nada menos que a liberação e a unificação nacionais.

Duas das mais marcantes semelhanças entre as duas ondas revolucionárias de 1848 e 2011 foram, portanto, a velocidade com que se espalharam pelas fronteiras e seu sucesso geral em mobilizar a oposição à ordem estabelecida dentro dos países afetados. Em ambos os casos, comentaristas e analistas consideraram vários fatores e diferentes causas de longo e curto prazo, mas também debatem quão importante foi a contribuição das comunicações modernas para o sucesso das revoluções. Ninguém contesta que, nas Revoluções Árabes (assim como em rebeliões ou protestos anteriores, como os protestos da eleição no Irã em 2009), os participantes fizeram uso eficaz de telefones celulares, Twitter e Facebook, enquanto redes internacionais como a Al-Jazeera transmitia imagens e notícias das revoluções para territórios internacionais. Em 1848, claro, nenhuma dessas formas instantâneas de comunicação existia, mas para seus contemporâneos tiveram tanto impacto quanto elas as máquinas de vapor, na figura dos motores ferroviários, barcos e navios a vapor, mas também (embora em escala bem menor), o telégrafo.

Contudo, mesmo quando as revoluções de 2011 ainda estavam ganhando força, muitos analistas já alertavam contra a atribuição de poder explicativo em excesso ao papel das comunicações. Charles Ragin frisou em 1987 que fenômenos sociais complexos não têm uma única causa, mas muitas delas, que

só funcionam conjuntamente.<sup>1</sup> Isto claramente se aplica a 2011: Tecnologia de mídia e comunicação por si só nunca é suficiente para fazer uma revolução. Nenhum historiador defendeu que a revolução de 1848 foi *causada* pela (relativa) velocidade das comunicações. Ethan Zuckerman, refletindo sobre a ‘Revolução do Twitter’ no *Foreign Policy* em 14 de janeiro de 2011, alerta que “qualquer tentativa de creditar uma enorme mudança política a um único fator – tecnológico, econômico, ou qualquer outro – é simplesmente falsa. Os tunisianos foram às ruas devido a décadas de frustração, não em reação a um *post* do WikiLeaks, um ataque de negação de serviço, ou um *update* do Facebook”.<sup>2</sup>

De forma semelhante, em 1848 a notícia das revoluções em Paris, Viena ou em outros lugares muito dificilmente desencadeou a revolução *imediatamente*. O que as notícias fizeram foi inspirar e encorajar a criação das condições psicológicas e morais em que a mudança de repente parecesse possível. Consequentemente, as notícias tendiam a incentivar a pressão dos grupos de oposição, por vezes agindo dentro de canais legais ou quase legais a princípio, de modo a persuadir os governos vigentes a fazer concessões, exatamente para evitar a cascata revolucionária que parecia iminente. Estas eram amparadas por petições, manifestações ou marchas nas ruas, mas os estopins que transformaram os protestos em revolução violenta foram localizados: um mal-entendido entre os manifestantes e as forças de ordem (em Viena); uma rajada de tiros disparada por soldados nervosos (em Paris); ou os empurrões entre militares e civis que liberaram antigas tensões (em Berlim). Portanto, a propagação das notícias de revolução de um lugar a outro incitou o protesto político, mas dificilmente foi a fagulha que imediatamente converteu os protestos em revolução violenta. De fato, a rápida propagação das notícias teve efeito em situações já bem equilibradas, preparando tanto as autoridades quanto a oposição para agir. Mas, se o resultado seria pacífico ou violento, se traria reformas do próprio governo ou uma mudança revolucionária vinda ‘de baixo’, tudo dependia de uma série de outros fatores, tanto contingentes quanto estruturais, de curto e longo prazo.

Um modelo similar foi surgindo no mundo árabe. Primeiro, a revolução tunisiana foi acesa pela chama da autoimolação de Mohammed Bouazizi. A notícia do êxito da rebelião na Tunísia, por sua vez, inspirou os egípcios a se

1 C. Ragin *O Método Comparativo: Além das Estratégias Qualitativas e Quantitativas* (Califórnia: Editora Universidade da Califórnia, 1987).

2 E. Zuckerman, ‘A Primeira Revolução do Twitter?’ *Foreign Policy* 14 de janeiro de 2011 ([http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/01/14/the\\_first\\_twitter\\_revolution?page=0,1](http://www.foreignpolicy.com/articles/2011/01/14/the_first_twitter_revolution?page=0,1)).

manifestarem na Praça Tahrir. Protestos contra a brutalidade da polícia foram programados para 25 de janeiro, mas ninguém, sobretudo os ativistas-organizadores, previu o que estava para acontecer.<sup>3</sup> Na Líbia e na Síria os manifestantes tomaram caminhos parecidos, mas logo deram uma trágica guinada em direção à guerra civil. Em outros lugares da região os protestos tiveram resultados diversos. Assim como em 1848, as notícias encorajaram os protestos, mas a oportunidade, ao que parece, trouxe a rebelião.

A oportunidade, porém, é o oposto da explicação. Se fôssemos responder ‘a oportunidade’ para a pergunta ‘O que causou as revoluções árabes?’, estaríamos bem distantes de uma resposta. Na verdade, é bastante razoável considerarmos a redução de contingência como o principal objetivo da pesquisa social (se não histórica). Se fôssemos investigar o papel das redes sociais nas Revoluções de 2011, veríamos que a tecnologia explica *como* elas aconteceram, mas não necessariamente *por que* aconteceram. 1848 e 2011 demonstram que a tecnologia pode, em determinadas circunstâncias, *interagir* com tensões sociais e políticas pré-existentes para provocar uma mudança radical na distribuição de poder entre o Estado e seus cidadãos.

A tecnologia usada em 1848 era diversificada: a de maior impacto, por ser a mais rápida, era o telégrafo, mas a rede europeia ainda era bem restrita: há uma história que diz que, depois das revoluções de 1848, a Reuters usou pombos-correios para fazer as conexões entre as estações de telégrafo e os terminais ferroviários. Parece haver apenas uma ocasião em que o telégrafo propagou notícias de uma capital europeia a outra – e que não desencadeou uma revolução neste caso: na verdade, o telegrama em questão foi enviado pelo banqueiro Salomon Rothschild para Metternich. A mensagem alertava Metternich sobre a queda da monarquia francesa em Paris em 24 de fevereiro de 1848. Mas a rede europeia era tão fragmentária que a mensagem só chegou a Metternich em Viena às 5 da tarde de 29 de fevereiro – ou seja, cinco dias depois, apenas um dia antes do resto da população da cidade saber dos dramáticos eventos parisienses pela fonte mais tradicional – os jornais. Uma forma mais difundida de tecnologia – e certamente mais decisiva na divulgação da revolução de um país a outro – era as máquinas a vapor, ou seja, trens e barcos fluviais. Ambos foram usados em 1848 para transmitir notícias e transportar intervenientes políticos ao local da ação. A onda inicial da revolução de 1848 foi impulsionada em grande parte por máquinas a vapor. Para citar um dos casos mais expressivos, a notícia da queda de Metternich em Viena em 13 de

3 W. Ghonim, *Revolução 2.0* (Nova Iorque: Fourth Estate, 2012)

março chegou em Budapeste no dia 14, levada pelo barco a vapor com rodas de pás que frequentemente percorria o Danúbio saindo de Viena. A notícia chegou de trem a Praga em 15 de março, Berlim no dia 16 e Milão no dia 17. Veneza também soube do ocorrido em 17 de março, através do navio Lloyd Line que havia saído de Trieste. As redes ferroviárias e fluviais da Europa eram tão desconectadas que ainda levava vários dias para a notícia chegar às cidades, mas a questão essencial é que, embora pelos padrões de 2011 essa disseminação da notícia pareça lenta, na primeira metade do século dezenove ela era estonteante.

Então as revoluções foram certamente interconectadas pela tecnologia: a rápida propagação de notícias de um epicentro a outro parece ter encorajado engajamento e ações políticas. Todavia, tendo em mente que o que importa nessas situações revolucionárias não é somente a tecnologia, mas como ela se relaciona a uma crise social mais profunda, então talvez o uso mais significativo das máquinas a vapor não fosse para meios de transporte, e sim para uma outra forma de comunicação e engajamento social mais duradouros.

Num artigo interessante sobre o papel dos meios de comunicação na Revolução Árabe, Ramesh Srinivasan argumenta que o foco na tecnologia ignora um fator de maior peso nos acontecimentos de 2011, dizendo que ‘sinergias são criadas entre classes para que se mobilizem como uma rede, sem depender das mídias sociais. No Egito, essas redes podem incluir ligações familiares, vizinhanças, mesquitas e instituições históricas, como a anteriormente banida Irmandade Muçulmana. As novas tecnologias dificilmente desgastam ou oprimem estas formas clássicas de comunicação e compartilhamento de informação.’<sup>4</sup> Srinivasan não está sozinho. Sua análise ecoa a de vários analistas e estudiosos. A visão oposta é mais difundida, surpreendentemente, entre os próprios revolucionários. Wael Ghonim, provavelmente o mais bem-sucedido ativista da revolução no Facebook, ganhou fama ao comentar que ‘Se você quer liberar uma sociedade, dê a ela a Internet.’<sup>5</sup> Se isto é ou não uma simples hipérbole não vem ao caso. Há uma certa disparidade entre o que analistas acham que aconteceu e o que os participantes nos dizem. Isto é em parte alimentado por um buraco negro empírico que é inevitável em acontecimentos tão recentes. Os poucos dados de que dispomos parecem corroborar a ideia

4 R. Srinivasan, ‘Londres, Egito e a natureza da mídia social’, *Washington Post* 11 de agosto de 2011. ([http://www.washingtonpost.com/national/on-innovations/london-egypt-and-the-complex-roleof-social-media/2011/08/11/gIQAloud8L\\_print.html](http://www.washingtonpost.com/national/on-innovations/london-egypt-and-the-complex-roleof-social-media/2011/08/11/gIQAloud8L_print.html)).

5 CNN Newsroom, 11 de fevereiro de 2011. ‘Egyptian activist, Wael Ghonim ‘Facebook to thank for freedom’ YouTube ([http://www.youtube.com/watch?v=JS4-d\\_Edius](http://www.youtube.com/watch?v=JS4-d_Edius))

de que as mídias sociais tiveram tanta importância, e de forma semelhante, em 2011 quanto em 1848 para os manifestantes. A informação mais confiável que temos sobre o uso da mídia nas rebeliões árabes vem do Tahrir Data Project, uma pesquisa de massa feita na Praça Tahrir durante os dezoito dias da rebelião egípcia. O estudo concluiu que, de todas as tecnologias de comunicação imagináveis, o Facebook era o terceiro mais usado por manifestantes, atrás da televisão e de conversas, respectivamente. A causa mais comum que os entrevistados apresentaram a favor de assistir à televisão ou ouvir o rádio foi que eles não tinham acesso a outros meios. Apesar disso, manifestantes disseram que confiavam mais nas redes sociais do que na mídia tradicional, já que a imprensa, a televisão e o rádio estavam sob o controle do Estado.<sup>6</sup>

Contudo, como o especialista na relação entre movimentos sociais e tecnologia Mario Diani defende, 'a tecnologia interage com outros fatores para moldar padrões de ação coletiva. Dentre estes fatores estão sem dúvida as definições de relacionamento nas quais os manifestantes se inserem, e que são ao mesmo tempo criadas ou reformuladas pelo desencadeamento das ações coletivas'.<sup>7</sup> Em outras palavras, a tecnologia pode ajudar a mobilizar e agregar as pessoas em um movimento político, mas laços sociais e culturais mais antigos criam as redes e organizações duradouras que podem *manter* a resistência às forças de ordem: em 2011, foi notório o papel que as orações de Jumu'ah tiveram em mobilizar manifestantes na Praça Tahrir. Em 1848, as formas de convivência incluíam clubes (como o aristocrático Jóquei Clube de Milão, uma imitação do clube tipicamente britânico); associações de tiro e de ginástica (85 mil membros em 250 sucursais na Alemanha em 1847); grupos de corais (100 mil membros na Alemanha); cafés (o Café Pilvax em Budapeste era o refúgio dos radicais magiares), mas também alianças de artesãos, grupos de auto-aperfeiçoamento de trabalhadores, assim como oficinas, mercados e bairros. É significativo que, mesmo numa cidade com passado tão revolucionário como Paris, a maioria dos insurgentes da classe trabalhadora tenham respondido, quando questionados depois, que tivessem lutado para defender suas vizinhanças, antes de mais nada.

A ação coletiva de 1848, portanto, assim como em 2011, foi formada por uma combinação de organizações da sociedade civil e das normas cotidianas das relações comunitárias. O primeiro fator, em especial, mesmo quando for-

6 Wilson and Dunn, 'Mídia Digital na Revolução Egípcia: Análise Descritiva dos Conjuntos de Dados de Tahrir', *International Journal of Communications*, 5 (2011), p.1254-9

7 M. Diani, 'Redes e Internet em Perspectiva', *Swiss Political Science Review*, vol. 17, no 4 (2011), p. 469.

temente policiado e censurado, dava espaço para que ideias políticas e sociais pudessem ser discutidas, mesmo que veladas por segurança por trás de metáforas e linguagem opaca. Estes desenvolvimentos resultaram no aumento de ‘públicos críticos’ pela Europa, públicos que desempenharam um papel análogo ao da juventude de alta educação mas fortemente censurada nos países árabes em 2011. Tanto na Europa antes de 1848 quanto nos países árabes antes de 2011, estes foram públicos críticos que quase sempre eram excluídos de participação formal no quadro político legal. Calcula-se que, para cada parisiense com direito a voto nas eleições parlamentares anteriores a 1848, havia *vinete* que assinavam um jornal. Esta impressionante estatística expõe as limitações da velha ordem e as possibilidades latentes de uma séria ruptura entre o Estado e a sociedade civil.

Todavia, a própria expansão da sociedade civil, que abriu formas de ação política a uma fatia mais abrangente da sociedade, foi *certamente* possível graças a certos avanços tecnológicos. A tecnologia não era necessariamente um trem veloz ou um barco a vapor, mas o vapor aplicado de outra maneira – na impressão. Em 1811, o tipógrafo alemão baseado em Londres, Friedrich Koenig e seu parceiro, o engenheiro Andreas Bauer, produziram um prelo notável por dois motivos: primeiro porque usava vapor, segundo porque permitia que o texto fosse impresso a partir de cilindros, em vez do movimento para cima e para baixo da antiga imprensa plana. Isso significou que os textos e imagens pudessem ser produzidos muito mais rapidamente – e de forma mais barata – que antes. O *Times* de Londres fez o primeiro uso comercial desta tecnologia no fim de 1814, e descobriu-se que a máquina podia produzir nada menos que 1.100 páginas por hora. Depois que se desenvolveu um meio de imprimir ambos os lados de uma folha ao mesmo tempo, um passo significativo havia sido dado na evolução dos meios de comunicação de massa, tanto em jornais quanto em livros.<sup>8</sup> Olhando com visão retrospectiva para 1848, se alguma coisa marcou a inovação tecnológica essencial que começou a mudar a relação entre o Estado e a sociedade civil, foi esta descoberta, mais que as comunicações de alta velocidade dos trens ou barcos a vapor.

Não precisamos ir muito longe para achar um paralelo tecnológico para 2011. A impressão a vapor se parece, nesta perspectiva, com uma retuitada primitiva. Os autores do estudo *Tabrir Data Project* criaram um termo que capta esta ideia de compartilhar informações, *relay* (retransmissão). Dos

8 H. Bolza, ‘Friedrich Koenig und die Erfindung der Druckmaschine’, *Technikgeschichte*, vol. 34, no. 1 (1967), p. 79–89.

usuários e consumidores de todas as formas de mídias sociais (uma lista que inclui leitores de jornal, ouvintes de rádio, espectadores de televisão, além dos que usam Facebook, Twitter, SMS, etc.), *todos* os entrevistados disseram retransmitir alguma informação. Destes, Facebook, Twitter e conversas foram os meios mais comuns de retransmissão de informação.<sup>9</sup> Em 2011, o desafio para ativistas online era de converter o ativismo de Facebook em manifestação real. Essa função de retransmissão, a disseminação inexorável de informação, foi a contribuição mais decisiva que a tecnologia pôde trazer tanto para a limitação do Estado quanto para o crescimento da sociedade civil.

Por mais impressionante que esta conquista tenha sido, não foi o único fator crucial: dois outros desenvolvimentos foram essenciais. Primeiro, o material impresso em 1848 ou as comunicações eletrônicas em 2011 não poderiam existir sem uma demanda por eles, e aqui, de certo modo, os velhos regimes foram vítimas do seu próprio sucesso, já que proporcionaram uma expansão da educação e, no caso dos regimes árabes, do padrão de vida. O problema foi que, em ambos os casos, havia uma enorme restrição de oportunidades para aqueles cujas ambições e expectativas tinham sido estimuladas por estes desenvolvimentos. Na Europa de meados do século dezenove, Lenore O'Boyle argumentou que um problema estrutural fundamental surgiu porque havia um 'excesso de homens instruídos' – pessoas que eram habilitadas e intelectualmente bem-treinadas, mas nem o Estado nem a economia havia crescido o suficiente para dar oportunidades de uso destes atributos e realização de suas ambições.<sup>10</sup> Nos países árabes, um desequilíbrio parecido aconteceu. Embora as taxas de crescimento durante a crise econômica mundial tenham diminuído, elas atingiram seu mínimo em 2009 em 3 por cento (Tunísia), 6% (Líbia) e 4,7% (Egito), e depois se recuperaram; na última década de governo de Mubarak, 9 por cento da população foi tirada da 'pobreza absoluta'. Mas nem todas as partes da sociedade se beneficiaram igualmente – e as pessoas que saíram em desvantagem foram os jovens da região: no início de 2011, o desemprego entre pessoas por volta dos vinte anos estava em 28 por cento no Egito, 30 por cento na Tunísia e desconcertantes 50 por cento no Iêmen.<sup>11</sup> Ou seja, os velhos regimes, tanto em 1848 quanto em 2011, criaram o pior dos dois mundos: ajudaram a educar a juventude, mas fracassaram em

9 Wilson and Dunn, op. cit, p. 1255.

10 L. O'Boyle, 'O Problema do Excesso de Homens Instruídos na Europa Ocidental, 1800-1850', *Journal of Modern History* XLII (1970).

11 P. Mason, *Por Que Elas Estão Por Toda A Parte: As Novas Revoluções Globais* (Londres e Nova Iorque: Verso, 2012), 119.



criar condições para que eles pudessem realizar suas ambições, ou pelo menos arrumar um emprego.

Ao mesmo tempo – e aqui está o segundo ponto –, enquanto eles tentavam restringir suas liberdades civis e renegar suas expressões políticas, tanto em 1848 quanto em 2011 cidadãos insatisfeitos acharam uma saída para suas energias culturais e políticas na forma de associações e sociabilidade dos tipos já mencionados. Embora a censura e a repressão existissem em quase toda a parte, havia meios de contorná-la – e em 2011, certamente, a internet foi essencial para isso. A ideia aqui é que foi o envolvimento mais duradouro com ideias, influências e dissidência que formou a oposição revolucionária. Isto foi o que aconteceu nos anos anteriores a 1848: no norte da Itália, por exemplo, discussões aparentemente inofensivas em congressos científicos achavam meios de evocar os símbolos de oposição ao governo austríaco. No congresso de Veneza em 1847, o nome do ícone liberal italiano do momento, o Papa Pio IX, era mencionado sempre que possível, enquanto palestrantes sobre agricultura tentavam frequentemente inserir a palavra ‘batata’ em suas discussões, já que era assim que os italianos se referiam aos soldados austríacos. Na Áustria de Metternich, a polícia responsável pela censura simplesmente não tinha pessoal suficiente para realizar todas as suas tarefas, que incluíam a abertura de cartas do exterior e a regulação de materiais impressos. Desse modo, material liberal às vezes passava pela rede e era lido nos clubes e sociedades intelectuais de Viena. Na França, a oposição republicana contornou a proibição oficial a encontros políticos promovendo banquetes no lugar: nenhum governo pode proibir a comida. Foi a polêmica em torno de um banquete planejado no distrito especialmente radical em torno do Panteão em Paris que provocou a situação revolucionária que finalmente derrubou a Monarquia de Julho em fevereiro de 1848. Às vezes, as pessoas que simplesmente publicavam eram condenadas: o governo tentou proibir uma caricatura que mostrava o rei Luís Felipe se transformando numa pera, uma brincadeira com sua fisionomia. Mas isso não trouxe nenhum benefício a eles, pois até crianças de rua de Paris – a encarnação viva do Gavroche de Victor Hugo – escreviam com giz ‘Poire’ nos muros e calçadas.

Em todos os lugares onde houve revolução em 1848, o espaço para atividades políticas e sociais se expandiu enormemente com o colapso da censura e do policiamento: em Paris, literalmente centenas de clubes políticos surgiram; milícias de cidadãos foram fundadas ou democratizadas: tanto em Viena quanto em Praga, os estudantes formaram ‘Legiões Acadêmicas’. Havia uma explosão na imprensa, em associações políticas e sindicatos. Embora em

nenhum lugar as mulheres tivessem direito ao voto, elas participavam nas políticas revolucionárias de outros modos, sobretudo oferecendo apoio logístico e médico nas barricadas, trabalhando como jornalistas revolucionárias (a mais famosa talvez seja George Sand) e organizando clubes políticos e sindicatos femininos.

Em 2011, durante a revolução, o Cairo testemunhou o enorme aumento de ‘Comitês Populares’ em 28 de janeiro, o dia do segundo grande protesto, conhecido como ‘dia de fúria’. Como disse um manifestante, “O dia 28 foi quando as pessoas perceberam, começando no final das orações de Jumu’ah até quando as pessoas se reuniram na Praça Tahrir à noite. Aquele processo de uma manifestação se transformando em revolução, e você vendo o declínio e a queda da polícia, aquilo foi espetacular. Estava claro que o fim havia começado. Acho que o dia 28 foi muito importante”.<sup>12</sup>

Este também foi o dia em que a polícia abandonou o Cairo repentinamente, as prisões foram abertas e os prisioneiros soltos para aterrorizar a população. Podemos especular o porquê destes acontecimentos, mas o que importa são as suas consequências. Em cada distrito do Cairo os cidadãos se organizaram em unidades autônomas, com governos e polícias próprios. Isto aconteceu no período de um dia e uma noite. Estas associações, sem precedentes no Egito autoritário, duraram pelo menos duas semanas até a renúncia de Mubarak. Algumas continuam funcionando parcialmente.<sup>13</sup>

1848 e 2011, portanto, representam aqueles momentos em que o tecido político existente foi dramaticamente perfurado, criando uma abertura pela qual um modo alternativo de organização da política e da sociedade pudesse surgir. Por alguns meses, o equilíbrio de poder mudou drasticamente do Estado para a sociedade civil. Esta, na verdade, é uma das definições de revolução: uma brusca, rápida porém decisiva mudança no poder político e na legitimidade política do Estado para a sociedade civil.

Esta definição tem suas falhas, mas também duas vantagens. Primeiro, define a revolução invariavelmente como ação vinda ‘de baixo’, já que a definição vem junto da necessidade de crescimento drástico da atividade cultural e política pelos indivíduos e organizações da esfera social. Desta maneira, ‘1776’

12 Universidade na Praça: Documentando a Revolução do Século XXI no Egito. Biblioteca de Livros Raros e Coleções Especiais, Universidade Americana do Cairo (<http://digital-collections.aucegypt.edu/cdm/singleitem/collection/p15795coll7/id/291/rec/10>)

13 Bremer, J, “Liderança e Ação Coletiva nos Comitês Populares do Egito: O Surgimento de Ativismo Cívico Autêntico na Ausência do Estado.” Trabalho apresentado na conferência inaugural da Africa Network da Sociedade Internacional para Pesquisa do Terceiro Setor (ISTR), Stellenbosch, África do Sul, Agosto de 2011.

e '1879' se qualificam como revoluções, devido ao aumento de atividade cultural e política e ao debate que a precedeu e a acompanhou, assim como a Revolução de Fevereiro na Rússia em 1917, mas o golpe bolchevique em outubro daquele ano não se qualifica, porque restabeleceu o poder centralizado ao Estado, que se tornou militar durante o período da Guerra Civil que se sucedeu. Na verdade, de acordo com esta definição, o golpe de outubro de 1917 foi uma contrarrevolução, já que decididamente devolveu o poder ao Estado, após oito meses de caos que levou o país inteiro à beira de um colapso. Segundo, como esse exemplo (assumidamente controverso) sugere, define uma revolução independentemente de sua associação política normal com a Esquerda, trazendo-a de volta a uma posição mais neutra. Logo, '1989' é definitivamente uma revolução porque, embora contrarie o conceito Marxista-Leninista de regime revolucionário, ela foi encorajada e depois expandiu amplamente o âmbito de atuação das estruturas da sociedade civil. A 'Revolução Nazista' a partir de 1933 não é uma revolução porque, embora tenha drasticamente reorganizado o Estado e a sociedade alemães, isso foi feito alterando o equilíbrio de poder fortemente em favor do Estado. Ela foi, portanto, uma contrarrevolução em oposição à liberdade política e cultural da República de Weimar que a precedeu. Na realidade, as Revoluções de 1848 e 2011 representam uma redistribuição de poder entre o governo e o povo, mas o povo organizado em sociedade civil, uma sociedade vibrante devido a um escopo diversificado de sociabilidade e atividade cultural. Em 2011, as mídias sociais foram talvez a forma mais marcante desta atividade, mas não a única.

Em 1848, porém, essa mudança foi temporária. Com a derrota final das revoluções no outono de 1849, a balança pesou de volta para o outro lado, mas isto ironicamente aconteceu com a ajuda dos instrumentos da sociedade civil e da própria comunicação. A sociedade civil e a tecnologia são 'veículos neutros', portanto monarcas e autoritários rapidamente se mobilizaram para adotá-los para uso próprio. A Prússia nos dá dois exemplos interessantes destas estruturas trabalhando em favor da ordem conservadora. Lá, o *Kreuzzeitung* se tornou popular porque combinava humor com duras análises políticas. Um de seus contribuintes mais prolíficos era Otto von Bismarck. Paralelamente, a Associação Pelo Rei e Pela Pátria recrutou por volta de 60.000 membros em 100 unidades pela Alemanha. Assim como os revolucionários podiam canalizar as energias e a capacidade de organização da sociedade civil e da palavra impressa, os conservadores também podiam.

É improvável que a história se repita, mesmo que aproximadamente. Mas a comparação histórica é justificada e benéfica. A mensagem que os defensores

da democracia no Oriente Médio deveriam tirar do passado é exatamente se organizar, se comunicar e disseminar por todos os meios disponíveis. Por outro lado, a tarefa analítica de explicar o papel do que hoje é chamado de ‘mídia social’ na revolução é arriscada. Ou ela é tanto causa quanto efeito (ou uma dimensão de ambos), ou é uma causa tão complexa que fica impossível discernir em qual direção aponta. Primeiro, as tecnologias de comunicação interagem com tensões sociais e políticas que são muito anteriores ao conflito. Segundo, por consequência, as comunicações facilitam uma transferência tanto de poder político quanto de legitimidade do Estado para a sociedade civil. A indeterminância do papel das comunicações, e sua aparente flexibilidade, é uma bagunçada realidade empírica conhecida pelos cientistas sociais como ‘variação endógena’. As tecnologias de comunicação não são um fator externo, exógeno, recaindo sobre o curso da história, e sim são internos, endógenos à própria revolução.

As evidências do Cairo e de outros lugares são animadoras. A micro-sociedade da Praça Tahrir com seu próprio fornecimento de alimentos, assistência médica, limpeza e tantos outros, simboliza de várias maneiras o curso intensivo em engajamento cívico e político sendo realizado amplamente na região. Karl Polanyi notou que, durante a Revolução Industrial na Grã-Bretanha, o Estado pareceu atinar para o fato de que a sociedade existe: ele a chamou de ‘descoberta da sociedade’. Ela era separada do Estado, mas não subordinada a ele. Daquele ponto em diante, o governo não podia mais ‘dominar’ a sociedade, mas apenas tentar nela interferir quando e onde possível. Isto, de acordo com Polanyi, foi a ‘grande transformação’ da Revolução Industrial.<sup>14</sup> Algo parecido com isto aconteceu na Europa em 1848. Talvez seja isto que esteja acontecendo hoje no Oriente Médio?

14 K. Polanyi, *A Grande Transformação* (Boston: Beacon, 1967) p. 128,129

**Mike Rapport** (nascido em Nova Iorque em 1967) é formado em História pela Universidade de Edimburgo, na Escócia, e fez o seu doutorado na Universidade de Bristol, Inglaterra. Após ter ensinado História Européia na Universidade de Stirling, na Escócia, por 17 anos, ele trabalha agora como professor na mesma área na Universidade de Glasgow, também na Escócia. O senhor Rapport é especializado no tema da Revolução Francesa. Entre outras obras, ele escreveu: "Nacionalidade e Cidadania na França Revolucionária: O Tratamento dos Estrangeiros, 1789-1799" (Oxford University Press, 2000), "Europa do Século XIX, 1789-1914" (Palgrave, 2005) e "1848: Ano da Revolução" (Little, Brown, 2008). Ele vive em Stirling, com a sua esposa e sua filha.

**David McKeever** é cientista social e pesquisador pós-graduado na Universidade de Stirling. Em particular, ele está pesquisando sobre resistência pacifista no processo de mudança de um regime. Os seus principais interesses de investigação incidem sobre a área de disputas políticas em sistemas políticos não-democráticos; revoluções e guerras civis, bem como de que maneira a ideia de discurso nos ajuda a entender melhor sobre resistência e hegemonia.